



## Do sonho à palavra feita letra em .pdf: o Ano 1 da Sul-Sul e as oposições criativas do porvir

Carlos Henrique de Lucas  
Terezinha Oliveira Santos  
Editoria Geral

Em 29 de maio de 2020 a Sul-Sul – Revista de Ciências Humanas e Sociais nascia. Não como sonho, mas *queretividade*<sup>1</sup>, o verbo feito carne, ou melhor, feito folha em .pdf na tela de dispositivos eletrônicos. Enquanto desejo, de há muito tempo a Sul-Sul nos encontrava à noite, enquanto dormíamos, ou no dia, entre uma aula ou um escriturar ensaístico. Como desejo, a Sul-Sul nos encontrou pela primeira vez em 2018, quando escrevemos e apresentamos à Capes a proposta de criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, o já agora nosso PPGCHS. À época, ousadamente, prometemos à agência de aperfeiçoamento do pessoal de ensino superior que, “muito em breve, e se aprovada a proposta de criação do Programa por este tão egrégio conselho”, colocaríamos em marcha um periódico indisciplinar e indisciplinado, subversivo e, sobretudo, que se voltasse para o Sul epistêmico – e também geográfico e político –, e daí a vocação da revista por textos insubmissos, por temas espinhosos, dizeres difíceis, balbucios terrivelmente belos na dureza desses tempos de “vilanização da vida”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup>Por *queretividade* entendemos a força viva do querer.

<sup>2</sup>Sobre o conceito, afirma Carlos Henrique de Lucas: “é um conceito fundamental no coração deste trabalho porquanto enceta a ideia de que a heteronormatividade, ao produzir, por meio da performatividade da linguagem, sujeitos aceitáveis e inaceitáveis desde a perspectiva de uma socialidade comunal - da vida em sociedade, não só “simplifica, ao dualizar, as possibilidades existenciais dos corpos humanos, como ainda reintroduz a imagem do sujeito perigoso e vil ao se referir às subjetividades injuriadas, isto é, àquelas pessoas que ousam resistir aos regimes coercitivos de subjetivação.” (LUCAS LIMA, 2017, p. 36).

De lá para cá, a Sul-Sul publicou quatro números temáticos, três de fluxo quadrimestral e um especial, este último todo ele dedicado ao ativismo e pensamento da vereadora Marielle Franco<sup>3</sup>, totalizando 40 artigos, 3975 downloads realizados e 4775 acessos individuais à página do periódico. Os números, publicados em maio de 2020, setembro de 2020, janeiro de 2021 e março de 2021, tiveram por título, respectivamente: **Sociedade crítica: pensamento e transformação do presente, fluxo contínuo, Nossos feminismos americanos e descoloniais: escritos anfíbios entre militâncias e academia e Marielle Franco Presente!** As chamadas foram coordenadas por pessoas pesquisadoras de distintas universidades, tanto brasileiras quanto da Argentina e do México, e representaram o esforço da Sul-Sul de se apresentar como uma revista de referência no campo dos estudos críticos nas Humanas e Sociais no contexto da Ibero-América. Entendemos que os números apresentados acima evidenciam que estamos trilhando um caminho adequado para alcançar esse objetivo.

À parte os números apresentados e as parcerias nacionais e internacionais que têm marcado o tempo de existência da Sul-Sul até este momento, em breve a revista irá reorganizar seus conselhos editorial e científico, desdobrando-os em dois, com responsabilidades distintas. Além disso, tanto um quanto outro conselho foram ampliados, com o ingresso de pessoas pesquisadoras/ativistas de instituições de regiões interiorizadas do Brasil, de outros países da América Latina, bem como de nações africanas. Ainda sobre as mudanças pelas quais passa a revista, pretendemos, a partir de 2022, que todos os textos publicados possuam versão em língua inglesa e número DOI. As anotações aqui servem, então, como forma de registro histórico e comprometimento público nosso diante das pessoas leitoras e colaboradoras da Sul-Sul. E isso é de maneira especial importante, haja vista o atual cenário de desinvestimento e poderíamos mesmo dizer ataque pelo qual passa a Universidade Pública brasileira.<sup>4</sup>

Sobre o Número que ora publicamos, escolhemos o dia 25 de maio para lançá-lo, posto que marca ele o Dia Mundial da África, data emblemática das temáticas do Dossiê que leva por título **Da pandemia de 2020: urgências e emergências da discussão sobre**

---

<sup>3</sup> O Número Especial “Marielle Franco Presente”, coordenado pelas Doutoradas Amanda Motta Castro (FURG) e Fátima Lima (UFRJ), além da Mestra e irmã de Marielle Anielle Franco, presidenta do Instituto que leva o nome da vereadora, pode ser conferido aqui: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/issue/view/14>.

<sup>4</sup> Para saber sobre a situação orçamentária notadamente da UFOB, recomendamos a leitura de comunicado emitido pela Reitoria: <https://ufob.edu.br/noticias/nota-sobre-a-situacao-orcamentaria-da-ufob>.

**dominações, opressões e discriminações.** O Dossiê é coordenado por Dejour Dionísio, Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, Professor visitante no Programa de Pós-graduação em Letras na FACALE/UFMG - Universidade Federal da Grande Dourados e consultor externo no NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul no campus de Naviraí/MS e por Eumara Maciel dos Santos, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (CEAO/UFBA) e Professora Colaboradora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/PARFOR).

O dossiê organizado pelo Dr. Dejour e pela Dra. Eumara é um ato de pura transgressão. De insubordinação epistêmica. Ele representa o desejo e a concretização desse desejo de a Sul-Sul dialogar com e a partir dos corpos diaspóricos ancestralmente herdeiros da travessia feita em tumbeiros atlânticos, os quais, agora, nos legam a força de cartografias estranhas aos fazeres acadêmicos eurocentrados. E o dossiê coordenado por Dejour e Eumara também é uma celebração de nossos corpos/territórios, os de cá e os de lá, que produzem outras linguagens, em reflexiva alegria<sup>5</sup>, como uma brecha entre o que floresce e o que fenece na dialética do existir, fenda, abismo dentro do abismo que se acentua nesses estranhos tempos pandêmicos.

E é nesse intrincado contexto que somos convidados a produzir conhecimentos, ou melhor, somos instados a *criá-los*, sem perder de vista a forma tentacular de uma política (ne)cronológica, a qual insiste em sua vocação colonial de expulsar/edificar a diferença. Produzimos feridos/as, e curando feridas, enxurrando um verso, silenciando um veto, escancarando um riso, desprendendo lágrimas a cada vida subtraída, ora mais perto, ora mais distante, aquando a morte virulenta, a morte agendada, geoprocessada, racializada, generificada, etarizada, vaga triunfante dentre, entre medos pendulares e esperanças imunológicas.

Movemo-nos nessas alternâncias e, nesse caminhar gingado é que a Sul-Sul celebra, neste mês de maio, seu primeiro ano de existência. Celebrar é acolher com festejos, enquanto comemorar, em sua etimologia latina, significa “trazer à memória”. É na união, portanto, desses verbos, nessas semânticas dialógicas, que, como nos ensinou Mercedes

---

<sup>5</sup> A *reflexiva alegria* possui potencial para se articular como conceito, proposição teórica a ser adensada em escritos futuros. Por ora, contudo, pensamos que vale a pena destacar, e na esteira do livro do prof. Carlos Henrique de Lucas (LUCAS LIMA, 2017) já mencionado anteriormente, que as pessoas vilanizadas, de subjetividades injuriadas, as quais sofrem a ação terrível de regimes de assujeitamento, não apenas são objetos desses poderes, mas sim, elaboram, a partir deles, o que Maria Lugones nomeia resistências “criativamente opositivas” (LUGONES, 2014, p. 940), ou como quer De Lucas, “re(ex)sistências”.

Sosa, “La negra”, *honramos a vida* ao nos negarmos a morrer, seja diante de um vírus seja diante dos poderes que nos querem reduzir a uma constante condição de resistência, defendendo-nos e cansando-nos no processo. Nossas alegrias, como este Número que ora lançamos e o aniversário da Sul-Sul, são, então, mais que resistências: são *existências*, contribuição das vozes que se recusam a calar.

## **Referências**

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. *Linguagens pajubeyras*. Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Devires, 2017.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 22(3): 32

